

“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA¹

Vanessa de Jesus dos Reis²

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, de Conceição Evaristo, buscando compreender como maternidade, educação sexual negligenciada e racismo estrutural atravessam a trajetória da protagonista. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada nos estudos do feminismo negro, das teorias de gênero e dos aportes decoloniais, o trabalho examina como a narrativa denuncia a precarização das experiências de mulheres negras, expostas historicamente à maternidade compulsória, à violência de gênero e à privação de direitos sexuais e reprodutivos. O conto revela que a maternidade de Natalina não decorre de escolhas, mas de imposições sociais, culturais e econômicas que limitam sua autonomia corporal e psíquica. Ao mesmo tempo, evidencia que a ausência de educação sexual funciona como mecanismo de vulnerabilização, perpetuando desigualdades e contribuindo para ciclos de abuso, abandono e estigmatização. Por meio da articulação entre realidade e ficção, Evaristo expõe as marcas do racismo e do machismo que estruturam a sociedade brasileira, desestabilizando discursos hegemônicos e oferecendo uma perspectiva crítica sobre a condição das mulheres negras. Conclui-se que o conto, ao iluminar experiências silenciadas, reafirma a literatura como espaço de denúncia, resistência e reconfiguração de subjetividades, ao mesmo tempo em que convoca reflexões sobre políticas públicas voltadas à garantia de direitos e dignidade.

Palavras-chave: Evaristo, Conceição, 1946-. Quantos filhos Natalina teve? – crítica e interpretação; maternidade; educação sexual; racismo.

ABSTRACT

This Final Paper analyzes the short story "How many children did Natalina have?", by Conceição Evaristo, seeking to understand how motherhood, neglected sex education and structural racism cross the protagonist's trajectory. From a qualitative and bibliographic approach, based on studies of black feminism, gender theories and decolonial contributions, the work examines how the narrative denounces the precariousness of the experiences of black women, historically exposed to compulsory motherhood, gender violence and the deprivation of sexual and reproductive rights. The tale reveals that Natalina's motherhood does not result from choices, but from social, cultural and economic impositions that limit her bodily and psychic autonomy. At the same time, it shows that the absence of sex education works as a mechanism of vulnerability, perpetuating inequalities and contributing to cycles of abuse, abandonment and stigmatization. Through the articulation between reality and fiction, Evaristo exposes the marks of racism and sexism that structure Brazilian society, destabilizing hegemonic discourses and offering a critical perspective on the condition of black women. It is concluded that the short story, by illuminating silenced experiences, reaffirms literature as a space for denunciation, resistance and reconfiguration of subjectivities, at the same time that it calls for reflections on public policies aimed at guaranteeing rights and dignity.

Keywords: Evaristo, Conceição, 1946-. Quantos filhos Natalina teve? – criticism and interpretation; motherhood; sex education; racism.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima.

² Graduanda na Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira tem se consolidado como um espaço de denúncia, memória e resistência, especialmente quando escrita por mulheres negras que transformam suas vivências em matéria estética e política. Entre essas autoras, destaca-se Conceição Evaristo, nascida Maria da Conceição Evaristo de Brito, em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG).

Proveniente de uma família de origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970, onde construiu sua trajetória intelectual. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, dedicando-se às relações entre a literatura afro-brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa. Professora, pesquisadora e referência no feminismo negro, Evaristo afirma sua identidade literária a partir do conceito de *escrivivência*, entendida como escrita que emerge das experiências corporais, emocionais e históricas de mulheres negras.

No conjunto de sua obra, temas como corpo, afetos, sexualidade, violência e ancestralidade se entrelaçam às desigualdades sociais e raciais, revelando as camadas estruturais que organizam a vida das populações negras no Brasil. No livro *Olhos d'água* (2016), essa articulação estética e política ganha força particular. No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a autora constrói uma narrativa em que o corpo da protagonista se torna *locus* discursivo fundamental para compreender experiências de maternidade marcada pela negligência social, ausência de educação sexual e reprodução de violências ancoradas no racismo estrutural.

A delimitação do problema se concentra em examinar de que modo a maternidade compulsória, aliada à negligência da educação sexual e aos efeitos do racismo estrutural, produz violências e limitações que recaem, sobretudo, sobre mulheres negras e pobres, como Natalina.

Este artigo analisa como maternidade, sexualidade e desigualdade racial são representadas no conto, buscando compreender de que maneira essas dimensões condicionam a autonomia e a trajetória da protagonista. A discussão se concentra em examinar como a maternidade compulsória, a falta de educação sexual e as estruturas racistas produzem limites que recaem, sobretudo, sobre mulheres negras e pobres, como Natalina. Justifica-se a relevância

do estudo pela necessidade de valorizar a produção de mulheres negras no campo literário e pela pertinência do conto para refletir sobre direitos sexuais e reprodutivos, relações de gênero e desigualdades raciais.

A justificativa assenta-se na importância de valorizar a literatura de autoria feminina negra, cuja produção ainda recebe menor visibilidade no campo acadêmico, apesar de sua relevância para os estudos literários, educacionais e sociais. A análise do conto de Evaristo torna-se pertinente por evidenciar discursos hegemônicos que sustentam desigualdades históricas e por contribuir para reflexões sobre direitos sexuais e reprodutivos, relações de gênero e desigualdade racial temas centrais no debate contemporâneo.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na leitura analítica do conto e no diálogo com autoras e autores como bell hooks (1995, 2019), Lélia Gonzalez (1984), Guacira Lopes Louro (2000), Abdias do Nascimento (1980), Sueli Carneiro (2003), Pierre Bourdieu (1989) e a própria Evaristo (2009), adotando uma abordagem qualitativa interpretativa.

O trabalho organiza-se em cinco momentos: apresenta-se a função do narrador no conto; discutem-se as dimensões da maternidade na experiência da protagonista; analisam-se a negligência sexual, a desigualdade e o racismo revelados pela narrativa; examina-se a presença da cultura e da ancestralidade no texto; e, por fim, reafirma-se a força denunciadora da escrita de Evaristo como ferramenta crítica capaz de iluminar desigualdades ainda vigentes.

2 A FUNÇÃO DO NARRADOR

O papel do narrador no conto é construído a partir do princípio da escrevivência, conceito de Conceição Evaristo que designa uma escrita que emerge das experiências concretas de mulheres negras cujas vidas são marcadas por violência, pobreza e racismo. A narradora assume uma voz direta, econômica e contundente, evitando sentimentalismos. Essa escolha não se limita ao estilo: é também um gesto político, pois permite que a realidade de Natalina seja narrada sem filtros amenizadores, aproximando o leitor de sua experiência. Assim, a narradora não fala sobre Natalina de fora, mas fala com ela e a partir dela, obedecendo à ética da escrevivência, que recusa distanciamento e exige compromisso afetivo e social.

A experiência de Natalina atravessada por maternidade compulsória, ausência de educação sexual, pobreza e racismo estrutural torna-se a matéria da narração. A narradora transforma essas vivências em texto literário, resgatando uma memória coletiva inscrita nos

corpos de mulheres negras historicamente silenciadas. Sua voz não adorna, mas revela; não oculta a dor, mas a compartilha; não distancia, mas aproxima. É desse modo que a narrativa estabelece uma ponte entre a experiência da protagonista e a sensibilidade do leitor, produzindo reflexão crítica por meio da incorporação afetiva.

Esse lugar de fala da narradora se ancora, ainda, em uma tradição ancestral. A escrevivência, conforme afirma Evaristo, herda práticas de mulheres negras que, mesmo subalternizadas, transmitiam histórias, saberes e afetos como forma de resistência desde as “mães pretas” escravizadas até as mulheres urbanas contemporâneas. No conto, essa herança se atualiza: narrar a vida de Natalina significa reinscrever cultura, ancestralidade e modos de existência apagados por estruturas racistas.

A coletânea *Olhos d'Água* apresenta predominantemente contos narrados em terceira pessoa, e “Quantos filhos Natalina teve?” segue essa estrutura. A opção pelo narrador heterodiegético coloca a voz narrativa em posição de amplitude, capaz de articular a totalidade dos acontecimentos sem a presença explícita do “eu”. A focalização adotada é a onisciência seletiva, permitindo que o narrador acesse sentimentos, sensações e conflitos internos de Natalina, incorporando, em alguns momentos, o discurso indireto livre, recurso que mistura a voz da personagem com a do narrador, intensificando a proximidade afetiva característica da escrevivência.

Quanto ao tempo, o conto não se organiza de forma linear. Opera com uma temporalidade psicológica, baseada na memória e nos afetos, como se observa desde o primeiro parágrafo. O espaço, por sua vez, é urbano e marcado pela violência característica presente na literatura brasileira contemporânea, conforme Resende (2008), ao afirmar que a violência urbana é um dos temas mais evidentes da cultura atual.

A narrativa sobre Natalina e sua relação com a maternidade também explora o significado simbólico de seu próprio nome: “natal” remete ao nascer, enquanto o sufixo “ina” indica aquilo que é da natureza de, derivado de. No conto, esse duplo sentido se torna relevante: Natalina é aquela que carrega em si a experiência de gestar repetidamente seja por desejo alheio, descuido, exploração ou violência, mas também renasce na última gravidez, que marca sua passagem para a vida adulta.

Essa simbologia reforça uma dimensão estrutural do conto: a maternidade não é tratada como destino natural, mas como imposição social e racializada. A narrativa permite o confronto com múltiplas formas de violência vividas por Natalina, iniciando pela psicológica quando, ainda adolescente, diante da primeira gravidez, sua mãe anuncia que recorrerá a Sá Praxedes caso os chás abortivos falhem. A figura da parteira que também realiza abortos clandestinos

materializa o medo, o desamparo e a vulnerabilidade histórica das mulheres negras diante do Estado e das instituições.

Dessa forma, a função do narrador no conto articula estrutura literária, tradição ancestral, escrevivência e denúncia social. Ao mesmo tempo em que constrói formalmente a narrativa por meio da focalização, do discurso indireto livre, da temporalidade psicológica e da ambientação urbana, a voz narrativa reinscreve a memória e a experiência coletiva das mulheres negras. Esse entrelaçamento entre forma e ética revela a força estética e pedagógica da obra, cujas camadas simbólicas e afetivas permitem leituras múltiplas, críticas e profundamente humanas.

3 MATERNIDADE E SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

Em “Quantos filhos Natalina teve?” (p. 43-50), incluído em *Olhos d’água* (2016), a autora entrelaça tópicos sobre as questões de gênero, em um viés ético e estético. Evaristo transforma o corpo e a sexualidade da protagonista no lócus discursivo, explorando a relação de Natalina com a maternidade, associando-a, por um lado, à violência psicológica e física e, por outro, à idealização do maternar.

Nesse sentido, o conto avança para a desconstrução do chamado “mito do amor materno”, evidenciando que a maternidade não é um destino natural, mas uma construção social marcada por expectativas e pressões que recaem especialmente sobre mulheres negras. Assim, Natalina não sente afeto pelos primeiros filhos e não reconhece o amor materno como algo inerente a ela, revelando o conflito entre a experiência vivida e o modelo idealizado de maternidade.

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a desconstrução do chamado “mito do amor materno” é construída a partir da própria lógica da escrevivência, que orienta a escrita de Conceição Evaristo. Ao apresentar uma protagonista que não sente o amor materno como destino natural, a autora rompe com a idealização da maternidade e evidencia que esse sentimento não é biológico, mas socialmente imposto, sobretudo às mulheres negras submetidas à pobreza, à violência e à falta de autonomia. Esse gesto literário dialoga diretamente com a concepção de escrevivência formulada por Evaristo, segundo a qual:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de

emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças, (Evaristo, 2020, p. 31).

Ao inserir Natalina nesse fluxo histórico, a narrativa desestabiliza imagens tradicionais de maternidade e reinscreve a experiência da protagonista como parte de uma memória coletiva silenciada. Assim, a ausência de afeto inicial de Natalina, longe de ser tratada como falha individual, é compreendida como efeito das violências estruturais que moldam a maternidade negra e a escrevivência funciona como o instrumento teórico e estético que permite narrar essa verdade histórica a partir de dentro.

Dentro de uma perspectiva feminista, o discurso no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, estabelece uma base concreta por meio da relação entre linguagem e poder, de pronto percebida na pressão psicológica exercida pela mãe sobre Natalina, quando esta, ainda uma menina aos 14 anos, engravida pela primeira vez. Depois da tentativa de aborto, com a ingestão de chás, Natalina foge de casa, porque a mãe pretende levá-la à Sá Praxedes, a velha parteira e aborteira do morro onde moram.

Medo, ódio e vergonha são os sentimentos que a acompanham, na ânsia por livrar-se do nenê, “aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela” Evaristo (2016, p. 43). Natalina pertence a uma família, embora carente financeiramente, estruturada em pilares tradicionais, a mãe que é empregada doméstica, pai e sete filhas. A mãe, porém, também chama o nenê (feto) de “troço” e uma “coisa”, ao demonstrar que, a cada nova gravidez sua, quer “se ver livre daquilo” Evaristo (2016, p. 44).

Os indícios da violência, evidenciados pela escolha vocabular de Conceição Evaristo, atravessam a narrativa desde as primeiras referências à infância de Natalina nos becos das favelas brasileiras. Como observa Fairclough (2001), o discurso deve ser compreendido como linguagem atravessada por ideologias, capaz de revelar estruturas sociais e posicionar sujeitos em relações de poder. Essa perspectiva ajuda a entender como, no conto, a violência simbólica e física compõe o cenário formador da protagonista. Assim, mesmo vivendo em um núcleo familiar completo, Natalina não hesita em abandoná-lo, movida sobretudo pelo medo da velha que “come crianças” (Fairclough, 2001, p. 45), figura que inaugura o ambiente de ameaça e desproteção.

A seguir, Evaristo acentua o processo de desamparo ao narrar as primeiras experiências maternas de Natalina. A doação do primeiro filho e a recusa do casamento oferecido durante a segunda gravidez revelam uma relação tensa com a maternidade, marcada pela recusa ao modelo tradicional de família. Tonho, por exemplo, não compreende sua decisão, pois se apoia em uma visão normativa do que seria “o modo de uma mulher ser feliz” Evaristo (2016, p. 46).

Esse conflito entre expectativa social e desejo individual enfatiza a autonomia de Natalina, que deseja, de fato, um filho “só seu”, em oposição ao que lhe foi imposto.

Na terceira gravidez, a violência assume contornos estruturais e econômicos. Contratada pelo casal para quem trabalhava para engravidar do patrão, a protagonista vê novamente sua fertilidade convertida em instrumento de poder.

A criança sobrevive, mas Natalina é imediatamente esquecida pelo casal. Apenas sua quarta gestação, como o narrador sublinha, não a deixava em dívida com pessoa alguma. As três gestações anteriores estavam marcadas por relações desiguais o namorado, Tonho e a patroa, cada uma envolvendo algum tipo de cobrança, retribuição ou expectativa. Essa preparação evidencia o contraste com a gravidez desejada, que simboliza pela primeira vez uma experiência de autonomia sobre o próprio corpo.

É nesse ponto que a linguagem assume um tom mais lírico, preparando o leitor para o choque das cenas finais. O conto é estruturado por um movimento de flashback que se abre com a imagem de Natalina grávida do único filho que desejou. A descrição inicial da protagonista acariciando a barriga funciona como moldura narrativa e como afirmação de pertencimento, reforçando a singularidade dessa gestação. Após essa cena, o narrador observa que os outros filhos eram como se tivessem “morrido pelo meio do caminho” um dado que antecipa a revelação do trauma relacionado à origem dessa última gravidez.

A lembrança da violência rompe qualquer expectativa de romantização. Dois homens invadem o barraco de Natalina, amarram-lhe as mãos e a levam para um matagal. O estupro é descrito com brutalidade, revelando a objetificação extrema de seu corpo. Após o ataque, um dos homens é morto com um tiro um momento que marca a retomada mínima, mas significativa, de agência da protagonista, que consegue fugir e guardar o ocorrido.

Meses depois, ao descobrir a gravidez, Natalina surpreende ao sentir alegria. A narrativa destaca a complexidade desse gesto: apesar de a gestação ser fruto de violência extrema, a protagonista transforma o trauma em possibilidade de vida e ressignificação. É esse movimento que dimensiona a força política do conto: a maternidade desejada nasce, paradoxalmente, da experiência mais devastadora. Assim, Evaristo denuncia as condições de violência que atravessam corpos de mulheres negras e, ao mesmo tempo, lhes restitui a potência de reinventar seus destinos.

Aquele filho ela queria; os outros não. Para o narrador, as gestações anteriores eram como vidas interrompidas “pelo meio do caminho” Evaristo (2016, p. 43), o que reforça o caráter singular da quarta gravidez. Essa distinção reaparece no desfecho do conto, quando “o filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe” (Evaristo, 2016, p. 49). O movimento

do bebê contrasta com a memória da violência que originou essa gestação, revelando a complexidade emocional da protagonista.

Ao rememorar as circunstâncias que a levaram a engravidar, o texto expõe o episódio traumático: dois homens invadem seu barraco durante a noite, a dominam e a levam para um matagal. Amarrada e vendada, Natalina não compreende a razão da agressão, já que os homens diziam procurar um irmão que ela não tinha. A violência física culmina no estupro descrito com crueza e, na sequência, na morte do agressor. A narrativa apresenta esses eventos de forma direta e brutal, destacando tanto a precariedade da vida nos becos quanto a solidão de uma mulher negra diante da violência masculina.

o ataque, o texto mostra que Natalina carrega sentimentos complexos: horror, vergonha, dor, mas não arrependimento pelo gesto de autodefesa. Essa ausência de culpa não é tratada como insensibilidade, mas como estratégia de sobrevivência. A cena do estupro conecta-se a outras formas de violência relacionadas à maternidade ao longo do conto: a tentativa da mãe de forçá-la a abortar e o desprezo que ela sente pelos filhos das primeiras gestações. Esses elementos compõem um discurso simbólico que problematiza a maternidade como espaço de conflito, e não como destino natural.

Nesse ponto, torna-se pertinente recuperar a reflexão de DuPlessis (1978), para quem uma teoria da maternidade deve partir da relação inextricável entre maternagem e morte. A maternidade, afirma a autora, articula simultaneamente criação e destruição, vida e perda, fala e silêncio. Essa perspectiva crítica ilumina a trajetória de Natalina: sua experiência materna é marcada por violências, interrupções, rejeições e, finalmente, pela escolha de gestar e amar um filho que nasce de um ato extremo.

Assim, ao transformar um evento traumático em ponto de virada, Conceição Evaristo revela como a maternidade de mulheres negras é atravessada por forças sociais que ultrapassam o âmbito íntimo. A gravidez desejada de Natalina não apaga a violência, mas ressignifica seu corpo e seu lugar no mundo, reafirmando sua capacidade de resistência e agência. Essa perspectiva dialoga diretamente com o entendimento de Rich e Millett (1989), para quem a violência contra as mulheres costuma ser naturalizada e incorporada ao cotidiano, por ser estruturalmente sustentada pelo regime patriarcal.

Avançando nessa discussão, Chodorow (1989) busca compreender as origens psíquicas e sociais dessa violência, defendendo a necessidade de proteger as mulheres e problematizar os vínculos que estruturam as relações de cuidado. A trajetória de Natalina tensiona essas teorias ao evidenciar uma postura autoconsciente, ela se desvencilha das armadilhas das fantasias culturais dominantes e rompe tanto com a passividade quanto com a docilidade atribuídas

tradicionalmente ao feminino. Seu corpo não é obediente às injunções sociais, ao contrário, expressa uma sexualidade própria e rompe com o discurso que aproxima, de forma indissociável, a “verdadeira mulher” da figura da mãe.

Nesse contexto, Chodorow (1989, p. 84) identificam o empoderamento feminino na posse do corpo materno, a maternidade pode envolver formas de agressão primária na relação mãe-criança, e desta com sua própria mãe. Para a autora, a maternidade articula criação e destruição, vida e morte, e uma das fantasias que emergem desse processo é a de que “a mãe-vítima cria a criança-vítima”.

No conto, contudo, essa lógica é tensionada. Natalina parece inicialmente submissa: diante da violência da mãe, não responde, simplesmente deixa o cortiço. Nas primeiras gestações, sente-se devedora de alguém nunca plenamente sujeita, mas tampouco vítima no sentido tradicional. É somente quando se torna, de fato, vítima de estupro que ela rompe definitivamente com a passividade. Ao agir para se defender e ao transformar a gravidez resultante da violência em possibilidade de vida e afirmação, Natalina subverte o lugar que lhe era socialmente reservado.

Esse movimento final do conto abre espaço para refletir sobre dimensões que o texto convoca, mas que muitas vezes permanecem silenciadas na vida de mulheres como Natalina: a insuficiência de redes de proteção, a naturalização da violência e, sobretudo, a ausência de uma educação sexual que considere contextos de vulnerabilidade social, afetiva e familiar. É justamente sobre esse ponto que o capítulo seguinte se debruça.

4 QUANDO A LITERATURA REVELA O QUE A SOCIEDADE OCULTA: DESIGUALDADE E RACISMO EM “QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?”

A leitura do conto de Conceição Evaristo permite compreender que a maternidade vivida por Natalina não é apenas um acontecimento individual, mas o desdobramento de um conjunto de silenciamentos e violações que atravessam a vida de meninas e mulheres negras no Brasil. A narrativa evidencia como a ausência de educação sexual, a desigualdade racial e de gênero e a negligência das instituições moldam a trajetória da protagonista, revelando dimensões que a sociedade insiste em ocultar. Assim, a maternidade precoce e violenta de Natalina surge não como fruto de escolhas, mas como consequência direta de um contexto estrutural que lhe nega informações básicas sobre o próprio corpo, sobre relações afetivas e sobre proteção sexual.

É nesse horizonte que se insere o presente capítulo, cujo objetivo é analisar de que maneira a falta de educação sexual estrutura a experiência de Natalina e como essa ausência se articula com processos históricos de racialização, desigualdade e vulnerabilização de corpos negros femininos.

Como observa hooks (2019), a luta das mulheres deveria começar pelo acesso universal à educação sexual, o que, porém, historicamente beneficiou prioritariamente mulheres brancas e de classe média. Para a autora, o racismo estrutural se revela justamente quando mulheres negras das periferias são privadas de conhecimentos essenciais sobre o funcionamento do próprio corpo conhecimentos que poderiam garantir autonomia, prevenir infecções sexualmente transmissíveis, reduzir gravidezes não intencionais e proteger contra abusos sofridos na infância e adolescência.

O tema da negligência sexual, entendida no contexto do conto como a falta de métodos contraceptivos eficazes ou o descuido que leva a gestações não planejadas, aparece de forma mais explícita nos trechos que descrevem as primeiras gravidezes de Natalina.

A narrativa evidencia que as gestações de Natalina são marcadas pela negligência social e pela ausência de educação sexual. A primeira gravidez, ainda na infância, aparece de forma implícita e inesperada, levando sua mãe a recorrer a “beberagens” ou à figura de Sá Praxedes, a quem cabia realizar abortos clandestinos sinais claros de que a gestação não era desejada nem planejada. Já a segunda gravidez é narrada com maior detalhamento, revelando que, apesar de tentar evitar um novo episódio, Natalina continua desprovida de orientações e acesso a métodos seguros. Como registra Evaristo (2016, p. 33): “A segunda gravidez foi também sem querer, mas ela já estava mais esperta. Brincava gostoso com os homens, mas não descuidava. Quando cismava, tomava os seus chazinhos, às vezes, o mês inteiro.

Essas tentativas de aborto por meio de chás, prática que a própria mãe já utilizara, evidenciam como o conhecimento sobre o corpo circula de forma precária entre gerações, reforçando a ausência de educação sexual formal, sobretudo para meninas negras e periféricas.

Essa lacuna produz consequências graves no Brasil, mulheres negras têm risco 2,5 vezes maior de sofrer aborto inseguro e constituem a maior parte das gestações não intencionais (Lopes, 2019). Cenário dramatizado no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, no qual Evaristo denuncia a vulnerabilização desses corpos pela negligência estatal, familiar e institucional.

O conto se estrutura a partir de um flashback que se abre com uma cena de aparente serenidade: “Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz.” (Evaristo, 2019, p. 43). O narrador heterodiegético reforça o distanciamento e ilumina o encantamento inicial da personagem com a maternidade papel

historicamente imposto às mulheres como destino natural. Contudo, a imagem idílica é rapidamente rompida pela revelação de que “Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho” (Evaristo, 2019, p. 43). A partir daí, a narrativa reconstrói cada uma das gestações anteriores.

A primeira ocorre quando Natalina está prestes a completar catorze anos. A autora utiliza o verbo “brincar” para indicar tanto a curiosidade sexual inocente quanto a ausência de orientação sobre prevenção e consentimento. A precariedade econômica também molda esse episódio: vivendo na periferia, com a mãe, o padrasto e seis irmãos, Natalina e Bilico não tinham condições materiais de criar uma criança.

Ao descobrir a gravidez, o namorado a abandona, “Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho.” (Evaristo, 2019, p. 44). Esse comportamento revela um privilégio masculino naturalizado, no qual o homem pode se esquivar da paternidade sem ser moralmente cobrado, enquanto à menina-mãe cabem sozinha a vergonha, o medo e a responsabilidade: “Ódio e vergonha” (p. 44) passam a acompanhá-la.

Nesse processo, sua infância é interrompida quando descobre que o prazer pode resultar em gravidez. Por isso decide abortar, recorrendo aos chás que havia visto a mãe utilizar, “Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber.” (Evaristo, 2019, p. 44). Essa prática revela como a falta de educação sexual especialmente nas periferias perpetua um ciclo de desinformação entre mães e filhas.

Esse cenário dialoga com a noção de “revolução sexual” proposta por Reich (1976), na qual a liberdade sexual só se torna efetiva se acompanhada de conhecimento sobre o corpo. Natalina, no entanto, vivencia sua sexualidade de forma curiosa, mas completamente desassistida, como mostra o trecho em que descobre, ao lado de Bilico, os prazeres e dores do próprio corpo, “havam descoberto o corpo junto [...] apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria” (Evaristo, 2019, p. 45).

A cena sintetiza o despertar sexual e, simultaneamente, a vulnerabilidade de meninas que, como Natalina, vivenciam a sexualidade sem orientação adequada. A resposta social, contudo, é profundamente desigual: enquanto adolescentes de classes médias recebem apoio e silêncio social em situações semelhantes, meninas pobres e negras enfrentam vigilância moral, abandono e culpabilização

bell hooks observa que o aborto deve, sim, ser uma pauta importante, pois:

As mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 que clamavam por aborto tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequência de uma gravidez indesejada. Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração

com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos – sem o direito ao aborto seguro e legal. (hooks, 2019, p. 50).

A reflexão de hooks (2019, p. 50) evidencia que a defesa pelo direito ao aborto seguro e legal não surge como demanda abstrata, mas como resposta direta às experiências concretas de violência, coerção e sofrimento vividas por gerações de mulheres. Ao mencionar que “as mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 [...] tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequência de uma gravidez indesejada”, a autora recupera um passado recente no qual a autonomia reprodutiva era sistematicamente negada, especialmente às mulheres pobres.

Ao observar a “amargura, a raiva, a frustração” dessas mulheres, hooks explicita que a maternidade compulsória fruto da ausência de métodos contraceptivos acessíveis e da ilegalidade do aborto produz subjetividades marcadas pela dor e pelo ressentimento. Assim, o argumento de que “não poderia haver libertação sexual genuína” sem acesso efetivo à educação sexual, contracepção e aborto legal evidencia que justiça reprodutiva é condição indispensável para qualquer projeto de emancipação feminina.

Nesse ponto, a escrevivência emerge como chave interpretativa para compreender a força política do conto. Para a autora, escrever é um modo de inscrever no papel aquilo que a sociedade insiste em silenciar, sobretudo as dores e resistências das mulheres negras.

Ao relatar as gestações interrompidas, os abortos clandestinos, os chás transmitidos entre gerações e a solidão enfrentada por Natalina, Evaristo constrói uma ficção, mas reinscreve a memória coletiva de tantas mulheres negras que viveram experiências semelhantes em consequência da negligência histórica do Estado diante de seus corpos. A escrevivência opera, assim, como um gesto de denúncia e de reparação simbólica, dá voz às histórias apagadas, confronta as políticas de morte que forçam mulheres negras a métodos arriscados e revela como a omissão estatal transforma a maternidade e o aborto em marcadores de desigualdade racial e de gênero.

Desse modo, o conto devolve às protagonistas de carne e osso frequentemente invisibilizadas o direito de existir, de narrar e de ser ouvidas, a descoberta da sexualidade ao lado de Bilico é descrita como um jogo de infância que evolui para práticas sexuais sem orientação: “quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga” (Evaristo, 2018, p. 44). A naturalização dessa sexualidade precoce, seguida do abandono por parte do namorado, evidencia a assimetria de gênero que responsabiliza exclusivamente as meninas por gravidezes não planejadas.

A partir desse cenário de silenciamentos e apagamentos históricos, torna-se urgente compreender como as desigualdades estruturais atravessam a experiência de Natalina. No conto, tais desigualdades não aparecem como elementos isolados, mas como forças entrelaçadas de gênero, de classe, de raça e de acesso a direitos reprodutivos que determinam o destino da personagem e moldam as possibilidades (ou impossibilidades) de seu futuro. A narrativa evidencia que a violência sofrida por Natalina não é um episódio acidental, mas a expressão de um sistema que organiza corpos e vidas a partir de hierarquias historicamente construídas.

Uma primeira dimensão dessa desigualdade se manifesta na violência sexual, marcada pela dominação masculina e pela coisificação do corpo feminino negro. Natalina é raptada e violentada, enquanto os agressores tratam seu corpo como território de uso, reforçando relações de poder que naturalizam a submissão das mulheres sobretudo das mulheres negras às vontades masculinas. O gesto do comparsa ao desejar “bom proveito” ao estuprador sintetiza a naturalização social da violência como um direito tácito dos homens sobre corpos femininos racializados.

A desigualdade de classe também estrutura de forma decisiva a trajetória de Natalina, especialmente na terceira gravidez, quando a personagem, ocupando a posição de empregada doméstica, é explorada pelos patrões para fins reprodutivos. O casal, incapaz de conceber, instrumentaliza o corpo da jovem para gerar uma criança que será criada como filha deles, transformando a maternidade em um serviço que se espera que a mulher pobre ofereça. Essa exploração é atravessada, ainda, por nuances raciais, a patroa tranquiliza-se ao perceber que Natalina possui apenas um tom de pele “mais escuro”, revelando como a branquitude tenta garantir sua própria continuidade simbólica, mesmo quando depende do corpo negro para tal.

A pobreza e a ausência de direitos reprodutivos seguros constituem outra face contundente das desigualdades raciais vividas pela personagem. Nas primeiras gestações, Natalina recorre a chás, beberagens e métodos caseiros para tentar interromper a gravidez práticas comuns entre mulheres que não têm acesso a planejamento familiar, atendimento adequado ou aborto legalizado. Diante da falta de alternativas, a própria mãe da jovem considera levá-la à parteira Sá Praxedes, figura temida na comunidade, sinalizando não apenas a precariedade das opções disponíveis, mas o desamparo total do Estado em relação às mulheres pobres, que se arriscam entre o medo, a urgência e a sobrevivência.

Por fim, o conto evidencia também as pressões sociais de gênero que tentam enquadrar Natalina em um modelo tradicional de feminilidade. Tonho, pai do segundo filho, não compreende sua recusa ao modelo de “felicidade” baseado na casa, no marido e na maternidade

compulsória, demonstrando como a liberdade das mulheres é constantemente contestada quando não se alinha às expectativas masculinas. A resistência de Natalina a esse destino esperado revela tanto sua busca por autonomia quanto a força das convenções sociais que tentam limitá-la.

5 CULTURA E ANCESTRALIDADE PRESENTE NO CONTO

O ancestral é coberto de um caráter sagrado e evoca uma ligação com as forças supratemporais de conservação, pois refere-se àquilo ou àquele que resistiu ao tempo e que se substancia como prova de solidez, de autenticidade, de verdade. É ancestral tudo o que se encontra no princípio da vida Chevalier & Gheerbrant, (1982, p. 63-64). Dessa forma, a ancestralidade remete à sua infância, aos antepassados, ao início da vida.

A ancestralidade pode prover informações sobre a origem geográfica, étnica e temporal de cada um. Assim, uma pele negra leva a deduzir que a pessoa tenha ancestrais africanos. O ser é o resultado da visita e revisita a tempos idos, do ter ouvido as vozes daqueles que já se foram dando movimento à ancestralidade ao experimentar um diálogo com o passado que engloba povos, relações com a vida, talhando a cultura da infância inserida no contexto de múltiplos caminhos e vivência no tempo. Conforme José Roberto Marques (2017),

A conexão com o nosso passado existe independente da nossa vontade. Nós somos o resultado de milhares de anos de acontecimentos. Somos o resultado de milhares de pessoas que estão em nossas células, incorporadas. De cada alimento que já existiu sobre a terra. Nós somos o resultado da temperatura e da umidade, dos povos que se juntaram, das pessoas que nasceram antes e que morreram. Toda a história está em nós, nossos genes e na nossa memória celular (Marques, 2017).

A cultura e a ancestralidade presentes no conto “Quantos filhos Natalina teve?” manifestam-se especialmente na medicina popular, nas crenças coletivas e nas figuras simbólicas que estruturam a vida comunitária e as práticas reprodutivas das mulheres negras. A personagem Sá Praxedes encarna a velha parteira ancestral, simultaneamente respeitada e temida, cuja figura se mistura à lenda que afirma que “comia crianças”. Essa narrativa de medo funciona como um mecanismo cultural de controle social utilizado pelas mães para disciplinar os filhos e, ao mesmo tempo, como uma memória coletiva sobre os métodos extremos, clandestinos e perigosos historicamente acionados por mulheres pobres diante de gestações indesejadas. A presença de Sá Praxedes revela, portanto, o entrelaçamento entre saberes

tradicionais e ausência de políticas públicas, mostrando como, na falta de acesso a direitos reprodutivos, as mulheres recorrem à medicina popular, aos chás e às beberagens transmitidas de geração em geração, saberes que compõem uma cultura de sobrevivência forjada diante da negligência do Estado.

Essa dimensão ancestral da maternidade aparece também na própria obra de Conceição Evaristo, que reafirma a força da herança feminina negra como um eixo interpretativo de suas personagens. Em “Quantos filhos Natalina teve?”, a autora insere Natalina no campo simbólico da maternidade ancestral, cujas raízes ecoam o imaginário de “Vozes-Mulheres”, discutido no primeiro capítulo deste estudo. Mesmo marcada pelo estupro e pela violência, a personagem encontra no gesto de maternar ainda que de modo fragmentado e atravessado por desigualdades uma forma de reinscrever-se no mundo e de retomar certa agência dentro da brutalidade que a cerca.

Essa leitura se fortalece quando observada em diálogo com o conto “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, no qual a ancestralidade comparece sob a forma de desencanto: ali, a infertilidade, o desaparecimento das parteiras e a ausência de novos nascimentos simbolizam o esvaziamento das tradições e a ruptura da continuidade comunitária. O mal-estar do povoado, tomado pela tristeza e desmotivação, evidencia o impacto da perda das práticas ancestrais e do desequilíbrio provocado quando as estruturas de transmissão cultural especialmente aquelas ligadas à maternidade e ao parto são interrompidas.

Ao analisar ambos os contos, torna-se evidente que, para Evaristo, a ancestralidade está intrinsecamente vinculada à maternidade como força de continuidade histórica e como elemento central da memória afrodescendente. As parteiras, as narrativas míticas e os rituais ligados ao nascimento constituem um campo de saber feminino preservado pela oralidade e pela prática comunitária, funcionando como um elo entre passado e futuro. Assim, a maternidade seja pela presença, seja pela ausência torna-se símbolo de resistência cultural, reafirmando que a vida, a natureza e a ancestralidade se conectam, no universo evaristiano, pela experiência do corpo e pelo ato de gerar, cuidar e transmitir.

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a ancestralidade materna aparece como um traço fundamental de continuidade e de memória coletiva, ressaltando a importância das raízes africanas na constituição da identidade das personagens. Nas culturas de matriz africana, a transmissão de saberes ocorre de modo intergeracional, as mulheres mais velhas compartilham conhecimentos práticos e simbólicos com as mais jovens, garantindo que a experiência, o cuidado e os ensinamentos sobre o corpo e a vida circulem como herança cultural. Evaristo mobiliza esse princípio ao mostrar como os saberes femininos especialmente ligados à gestão

da vida, da sexualidade e da reprodução atravessam a história de Natalina, articulando maternidade, tradição e resistência.

Esse mesmo movimento aparece em outras obras da autora, como o poema “Vozes-Mulheres”, no qual a memória das mulheres negras é apresentada como fio condutor entre o passado e o presente, ou ainda no conto “Olhos d’água”, em que a presença materna se manifesta como lugar de afeto, pertencimento e continuidade. Em todas essas narrativas, Evaristo reafirma uma perspectiva matrifocal que valoriza a sabedoria das mulheres negras e a força de sua ancestralidade como pilares para a construção de identidades e comunidades. Desse modo, ao retratar a maternidade de Natalina, mesmo atravessada por desafios, a autora reinscreve a figura da mãe-mulher no campo da dignidade e da memória cultural afro-brasileira, evidenciando que a ancestralidade não se limita à tradição espiritual, mas compõe também um repertório de práticas, histórias e valores transmitidos entre gerações.

Em Ponciá Vivêncio vemos uma protagonista mulheres marcada pelo sofrimento, que fora oprimida e silenciada:

A história de Ponciá, portanto, é construída por fragmentos de memória, em que se misturam as lembranças do Vô Vicêncio, da mãe Maria Vicêncio, do irmão Luandí, do pai, do marido e de tantos outros personagens, que, mesmo de modo diferente, a fazem deduzir que “os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida” porque todos compartilham das mesmas misérias. Quando criança, Ponciá “acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma nova vida, avançar sobre o futuro” (Evaristo, 2003, p. 33). Movida por esses ideais, ao tornar-se adulta, Ponciá deixa o povoado rural em que habita, para tentar construir uma vida nova na cidade, com a promessa de retornar para buscar a família. Na cidade, Ponciá depara-se com um contexto de miséria e abandono ainda mais violento do que na zona rural. Desse modo, frustrada por não ter realizado os seus sonhos e longe da mãe e do irmão, suas referências de afeto, Ponciá vai se anulando, vai se perdendo de si mesma, entrando em um estado de alheamento (Silva, 2018, p.73).

Quisemos mostrar nessas breves reflexões que maternidade e ancestralidade possibilitam um diálogo na obra de Conceição Evaristo, ora pelas histórias das mulheres negras mães que tornam esses enunciados plausíveis ora, ora pela veneração das personagens pela história de seu povo e pela ancestralidade muito bem marcada na poesia de Evaristo.

A cultura e a ancestralidade são elementos fundamentais no conto "Quantos filhos Natalina teve?" Evaristo (2020) destaca que, se antes nem a fala lhes pertencia, hoje a escrita torna-se um espaço de retomada e de poder, apropriado por elas sem abandonar a força ancestral da oralidade. Essa articulação entre letra e voz, entre memória e criação, reafirma a herança cultural afro-diaspórica como fonte de resistência e continuidade um movimento que também atravessa a narrativa de Natalina, fazendo da maternidade e das experiências femininas negras

Um território de memória, identidade e sobrevivência simbólica. Assim, ao reconhecer essa dimensão ancestral inscrita na escrevivência, o conto se abre para a compreensão mais ampla de como cultura, corpo e narrativa se entrelaçam, preparando o terreno para as reflexões finais deste estudo.

6 CONCLUSÃO

A análise do conto “Quantos filhos Natalina teve?” permitiu demonstrar que Conceição Evaristo constrói, por meio da escrevivência, uma narrativa que revela com profundidade as estruturas de desigualdade, violência e racismo que moldam a vida das mulheres negras no Brasil. Ao acompanhar a trajetória de Natalina marcada por violências, maternidades interrompidas, exploração de classe, abandono afetivo e resistência cotidiana foi possível alcançar os objetivos propostos neste estudo: compreender como a autora denuncia a vulnerabilização histórica dos corpos negros femininos, analisar a articulação entre desigualdade de gênero, pobreza e racismo estrutural; e evidenciar como ancestralidade, cultura e memória coletiva sustentam a identidade e a sobrevivência de mulheres como a protagonista.

Observamos que Evaristo não fixa suas personagens no sofrimento, embora nele se origine parte de suas histórias. Ao contrário, a autora reinscreve essas vidas marginalizadas no campo literário com dignidade, profundidade e agência, afirmando-as como sujeitos completos. A leitura crítica do conto permitiu evidenciar como a maternidade, a sexualidade, o trabalho, a violência e a ancestralidade aparecem entrelaçados, configurando uma experiência que ultrapassa a esfera individual e revela traços centrais da condição social de mulheres negras periféricas no Brasil contemporâneo.

Além disso, ficou evidente que a narrativa articula elementos da cultura e da oralidade afro-brasileira, especialmente por meio da figura das parteiras, dos saberes transmitidos entre gerações e do modo como a comunidade produz estratégias de sobrevivência. Ao resgatar esses elementos, a autora reinscreve no presente práticas e memórias que a lógica colonial tentou apagar, reafirmando a ancestralidade como força estruturante da vida e da resistência negra.

Dessa forma, o conto analisado confirma a potência da escrevivência como prática literária e política: ela transforma experiências silenciadas em narrativa, converte memórias coletivas em denúncia e reinventa espaços de fala para mulheres historicamente excluídas. Ao final deste percurso analítico, compreende-se que escrever e ler mulheres negras é também um ato de enfrentamento ao racismo, de afirmação identitária e de descolonização das formas de

produzir conhecimento nos meios acadêmicos. Como lembra a própria autora, “a escrevivência não existe para adormecer os da casa-grande, mas para despertá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Assim, o conto de Evaristo não apenas amplia o campo das representações literárias brasileiras, mas exige que repensemos criticamente nossas estruturas sociais, epistemológicas e narrativas, reafirmando a literatura de mulheres negras como um caminho fundamental para a justiça, a memória e a transformação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Pedro Duarte de. O Conceito de Crítica de Arte em Walter Benjamin. In.: Walter Benjamin: **Arte e Experiência**. OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; D'ANGELO, Martha (Orgs.). Niterói: Ed. da UFF, 2009.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**: fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BOILEAU, Martin; NORMANDIN, Michel. General equilibrium macroeconomic models and superior information. **Applied Economics Letters**, v. 9, n. 11, p. 727-730, 2002.
- CHODOROW, Nancy J. **Feminism and psychoanalytic theory**. Yale University Press, 1989.
- DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição *et al.* A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, v. 1, p. 26-46, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Quantos filhos Nataline teve? In: **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016. p. 43-50.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Routledge, 2013.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, 78/79, 69-82, 1984.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- hooks, bell. **Art on my mind**: Visual politics. Journal of Aesthetics and Art Criticism, v. 54, n. 4, 1995.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LEBOVICI, Serge. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Artes Médicas, 1987.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LOPES, Fernanda. **Os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres negras**. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2019/Os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-das-mulheres-negras>. Acesso em: 19 jan. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.

MILLET, Kate. (1995 [1969]). **Política sexual**. Trad. Ana María Bravo García. Madrid.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

REICH, Wilhelm et al. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REIS, Alberto. MONTEIRO, Nancy. Sexualidade e procriação na ótica de jovens de periferias sociais e urbanas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n2/07.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

REIS DOS, Maria Firmina. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.